



Vol. 33, nº 2 (2026)

A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO NA NARRATIVA “JOÃO DOS TOSTÕES”

THE REPRESENTATION OF CONTEMPORARY MAN IN THE NARRATIVE “JOÃO DOS TOSTÕES”

Zenil Josefa da Silva¹

Recebimento do texto: 10/03/2026

Data de aceite: 31/03/2026

Resumo: Este trabalho investiga a representação do homem contemporâneo baseada na narrativa “João dos Tostões”, que é parte do romance *O salário dos poetas*, de Ricardo Guilherme Dicke (2000). A obra é construída por várias narrativas curtas, que corroboram para a construção da narrativa principal. A narrativa “João dos Tostões”, estabelece uma crítica à vida contemporânea, constituída pela rotina cumprida de maneira mecânica por um homem que representa todos os que vivem nessa mesma condição. Ao longo do texto serão abordadas as relações dialógicas, a religiosidade e a fragmentação do homem contemporâneo. Para tanto, apoiamo-nos nas teorias de Bakhtin (2006), Rosenthal (1975), Chauí (2000), entre outros.

Palavras-chave: Dialogismo. Estética. Fragmentação. Homem contemporâneo.

Abstract: This work investigates the representation of contemporary man based on the narrative “João dos Tostões”, which is part of the novel *O salário dos poetas*, by Ricardo Guilherme Dicke. The novel is constructed from several short narratives that contribute to the main narrative. “João dos Tostões” critiques contemporary life, which consists of the routine mechanically carried out by a man who represents all those who live in the same condition. Throughout the text, dialogical relationships, religiosity, and the fragmentation of contemporary man will be discussed. To this end, we supported on the theories of Bakhtin (2006), Rosenthal (1975), and Chauí (2000), among others.

Keywords: Dialogismo. Aesthetics. Fragmentation. Contemporary man.

1 Introdução

Enquanto as obras tradicionais pautam pelo arranjo organizado de forma linear, com as falas das personagens, tempo e espaço bem demarcados, a obra de Ricardo Guilherme Dicke foi, pouco a pouco, se eximindo desse compromisso. *O salário dos poetas*, publicado em 2000, é um romance de Dicke, em que o autor opta pela multiplicidade de focalização. A obra conta a história fictícia de um ditador, general Augusto Alfredo Barahona que, após ser derrubado do poder, num país imaginário chamado Chileraguay, foi exilado em Mato Grosso, na Fazenda Anhangá – espécie de palácio rural – localizada em Aguassu, próximo a Cuiabá. Logo nas primeiras páginas, Barahona sofre um atentado a tiros e fica acamado,

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: zenil.silva@unemat.br



vivendo uma longa agonia.

A história de seus dias de sofrimento é intercalada por muitas outras histórias que dão corpo à narrativa principal. A construção estética de cada narrativa é elaborada de forma específica, visando melhor representar o estado de alma de cada personagem. A maneira de dar voz às personagens vai desde uma simples conversa, organizada em discurso direto, com as falas das personagens marcadas por travessões e outros sinais de pontuação - como o diálogo dos ribeirinhos Turíbio e Drusila - até formas altamente elaboradas de focalização como na narrativa João dos Tostões. Esta última, é uma narrativa circular, com um narrador onisciente, que capta os pensamentos da personagem e traz até o leitor.

O romance dialoga com a cultura erudita, com a mitologia pagã e as questões bíblicas, com a filosofia, com as músicas e com as artes plásticas. A narrativa sobre João dos Tostões, em especial, estabelece diálogos com diversas obras nacionais e estrangeiras, como os contos da obra *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos, sobretudo pela estrutura textual, que foge do convencional, marcada pela economia de palavras e pela sequência dos acontecimentos, conforme análise a seguir.

2 João dos Tostões e as conformações estéticas

Nas quase quinhentas páginas que compõem o romance *O salário dos poetas*, de Ricardo Guilherme Dicke, acompanhamos a história da agonia de um moribundo, o ex-ditador Barahona, que figura como narrativa principal. Porém, a trama é alimentada por várias narrativas que se desenvolvem em vários outros núcleos e desaguam na história central. Para construir essas histórias, o autor rompe com a narrativa linear e opta pela multiplicidade de focalização com um processo de emissão de vozes feito de forma dinâmica, isto é, sua construção estética é rica em recursos narrativos, para melhor representar o estado de alma de cada personagem. A seguir, analisaremos uma dessas histórias que integram o romance. Trata-se da história que o coveiro Caravajo Lóis teria contado a Popul Populesco, o líder dos ciganos.

Popul encontrou, na rede, as cartas de tarot, deixadas pelo coveiro. O líder dos ciganos pega as cartas e se lembra da história que o coveiro lhe contou acerca do miserável João dos Tostões e passa horas rememorando-a. O formato da narrativa foge do formato empregado nas demais histórias que compõem o romance. A história de João dos Tostões é



um conto que ocupa quatro páginas dentro do romance e conta com uma estrutura repetitiva, tanto com a repetição de palavras, quanto com a repetição das ações da personagem, o que contribui para retratar a rotina monótona daquele ser humano. João dos Tostões é funcionário de um escritório. Ele se levanta às cinco da manhã e se prepara para mais um dia de trabalho: cumpre com sua higiene pessoal, se veste, toma um café ruim, coloca o terno e a gravata, beija mecanicamente o rosto da esposa e se dirige para o ponto de ônibus, já enfrentando o calor insuportável.

Miseravelmente cumpriu a higiene como um miserável rito feito tanto para os reis como para os miseráveis da terra. Miseravelmente tomou café que quase nem tinha a não ser gosto de miserável pobreza e miserável tédio, borras da miséria, miseravelmente vestiu-se: miseravelmente gravata miseravelmente paletó. Miseravelmente beijou as faces chupadas da mulher hediondamente feia, por força do hábito mais miserável de toda a terra (Dicke, 2000, p. 156-157).

O ônibus atrasa, chega lotado, e conseqüentemente João dos Tostões chega atrasado ao trabalho. Depois de cumprir uma manhã de trabalho, às onze horas, hora do almoço, ele retorna para casa no ônibus lotado, repleto de corpos suados, bafos, rostos salpicados por salivas de outros passageiros, sacolejos e ranger de ferros da velha condução, até chegar no seu ponto de descida. Caminha por ruas esburacadas e poeirentas até chegar em sua casa, no subúrbio. Após o almoço é hora de retornar e encontrar as mesmas caras, o cheiro de chulé:

miseravelmente: eterno retorno, transmigração? Miseravelmente o gosto velho de café velho e rançoso na boca, miseravelmente o cigarro barato na sua mão, os fundilhos amassados se esquentando, miseravelmente os colarinhos malpassados atestando a sua condição, miseravelmente a esperança, miseravelmente a lata de sardinhas do ônibus, o suor dos filhos de Deus, os flatos, os chulês, a rotina, o abafamento, torridamente, agonia (Dicke, 2000, p. 158).

Depois de perfazer o trajeto de volta ao trabalho, enfrentando toda sorte de dificuldades, João chega à repartição: “Miseravelmente o ponto, o relógio, o olhar do chefe miseravelmente a papelada enjoativa, miseravelmente a mesma espera, como quem espera no inferno persa da espera da Eternidade...” (Dicke, 2000, p. 158). A tarde de trabalho carrega a lentidão e a monotonia de uma vida infeliz. As horas passam lentamente até que, finalmente, deram cinco horas. Hora de voltar para casa, carregando um cansaço no corpo e na alma: “miseravelmente ponto, cansaço, revolta, peso nas costas, vazio no estômago e na cabeça fadiga universal, dor ancestral de vômito que não vem do fundo do coração...” (Dicke, 2000, p. 158).

Finalmente, João chega em casa, toma banho, janta, deita-se no sofá para assistir



aos mesmos programas de televisão, “onde a mesma propaganda enjoativa faz anúncio de tanta alienação” (Dicke, 2000, p. 159) e logo sua esposa lembra-o de que ele terá que acordar cedo porque “amanhã terás de continuar enriquecendo os donos da nação” (Dicke, 2000, p. 159). Quando dorme, ele sonha que tem uma vida de rei, ao lado de uma princesa linda. Nesse sonho, eles moram em um castelo, “onde tudo é belo como as espumas do mar da ilusão” (Dicke, 2000, p. 159). Antes de dormir, João abre a bíblia, de forma aleatória, e lê o Salmo 12:1-8, que começa assim: “Salva-me, Senhor, porque não se encontra um homem de bem, porque as verdades já não são apreciadas entre os homens. Cada um somente diz mentiras ao seu próximo, fala com os lábios dolosos, com o coração dúplice” (Dicke, 2000, p. 159). Essa oração traz paz para o seu coração e João dorme um sono tranquilo para se restabelecer para mais um dia de trabalho.

Ao ler a história de João dos Tostões, conseguimos identificar as relações dialógicas entre o referido texto e os contos de *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos, sobretudo com os contos 1, 4 e 5, pois, ao adentrar ao texto, o leitor percebe que há uma quebra no ritmo da leitura que vem fazendo e surpreende-se com a estrutura textual que foge do convencional, marcada pela economia de palavras e pela sequência dos acontecimentos. Em *Estética da Criação verbal*, Bakhtin (2006, p. 300) assevera que “o falante não é um Adão bíblico, só relacionando com objetos virgens, ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez [...] e, por isso, o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco em que se encontram opiniões de interlocutores imediatos”.

Assim sendo, identificamos que em “Circuito fechado (1)”, o texto relata a rotina entediante de um homem, que trabalha numa repartição, usa terno e gravata, toma café e fuma muitos cigarros. Já em “Circuito fechado (4)”, Ramos (1978, p. 65) apresenta os engarrafamentos do trânsito que também “engarrafam” os dias e as pessoas: “Uma janela sobre o quintal, depois a rua e os telhados, tudo sem horizonte. Um silêncio por dentro, que olha e lembra, quando se engarrafa o trânsito, os dias, as pessoas”. O mesmo engarrafamento prejudica a vida de João, uma vez que ele se levanta às cinco da manhã para chegar a tempo em seu trabalho, mas o ônibus lotado e o trânsito atrapalham seus planos e ele chega atrasado na repartição: “Miseravelmente esperou o ônibus, miseravelmente este nunca vinha. Miseravelmente chegou atravessado à miséria da repartição” (Dicke, 2000, p. 157). Ainda em “Circuito fechado (4)”, o tostão aparece na gaveta do pobre, a menor moeda e parece ser tudo o que ele tem: “Um gosto de fruta com travo, um tostão guardado, azinhavrado, foi



sempre a menor moeda” (Ramos, 1978, p. 65).

No conto “Circuito fechado (5)”, há uma carga de negatividade, que se materializa pela repetição do advérbio de negação “não”: “Não foi o tempo que abarca vastamente, não, deve ser o que se conta aos pedaços, recorta, em mesquinha soma, e medrosa” (Ramos, 1978, p. 81). Em João dos Tostões, o advérbio “miseravelmente” pode ser entendido também como uma palavra que simboliza algo negativo, pois carrega uma carga de negatividade que está impregnada na vida de João.

Desse modo, identificamos que entre os contos “Circuito fechado” e a narrativa “João dos Tostões” há inúmeros pontos de contato, que permitem que se reconheça maneiras de narrar semelhantes; porém, notamos que por meio desse entrelaçamento discursivo o mundo narrado se reconstrói e se ressignifica. As ações das personagens, para cumprir a rotina de trabalho desgastante, constrói um efeito de sentido com a reprodução mecânica das atividades do cotidiano. Elas agem como robôs, programados para repetir as mesmas funções dia após dia. Os contos de Ramos (1978) e a narrativa “João dos Tostões” apresentam forma circular. Através da organização da narrativa, o leitor é levado a entender que no dia seguinte tudo acontecerá exatamente da mesma forma.

2.1 As imbricações do nome João dos Tostões

João é um dos nomes masculinos mais comuns no mundo, assim como o nome feminino, Maria. Na bíblia temos João Batista, aquele que batizou Jesus, e o apóstolo João. A influência religiosa fez com que esse nome se tornasse bastante popular. O nome João sofre variações em outras línguas, como: Giovanni, em italiano; Jean, em francês; Juan ou Ruan em espanhol e tantas outras ao redor do mundo. Esse nome pode ser considerado um símbolo universal para representar, principalmente, o homem comum, aquele que luta pela sua sobrevivência diária. Por isso, muitas vezes que alguém não sabe o nome de um homem e deseja se referir a ele, chama-o de “seu João”. Foi assim com o nome “Maria”, na canção *Maria, Maria*, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant (1978), pois, embora a letra tenha sido inspirada em uma pessoa específica – uma mulher que Brant conheceu e que vivia com muita dificuldade ao lado de uma linha de trem em Minas Gerais – a canção se tornou uma homenagem a todas as mulheres que lutam diariamente, tomando o nome “Maria” como um símbolo universal.



Destarte, João representa esse homem comum, aquele que enfrenta as dificuldades da vida em busca da sobrevivência e foi o nome escolhido para a personagem do conto que compõe o romance. Porém, ele não é apenas um João, ele é o João dos Tostões. A palavra tostão se refere a uma moeda antiga que circulou no Brasil com diferentes valores ao longo do tempo. Durante o período colonial, o tostão valia 80 réis; já no período republicano, mais especificamente, entre 1918 a 1942, ano em que se findou o uso do tostão, a moeda valia 100 réis. Era uma moeda de pouco valor e que servia para facilitar o troco em transações comerciais. No sentido figurado, significa coisa de pouco valor, de pouca importância, de pouca monta.

Lima (2024), em seu artigo “A retórica do tostão contra o milhão”, relata um caso curioso envolvendo o escritor Mário de Andrade e o jornalista e escritor Joel Silveira, na ocasião em que Silveira lançou o livro de contos *Onda raivosa*. Andrade escreveu uma crítica sobre a obra, intitulada “Palavra em falso”. Até certo ponto a crítica era positiva, porém em determinado momento aponta problemas do uso de determinadas palavras tidas como artificiais na produção ficcional de alguns escritores brasileiros e destaca o problema que teria encontrado em um dos contos do jornalista. Joel Silveira não gostou e, para se defender, escreveu um texto denominado “Fala um tostão”, publicado em sua coluna “Podia ser pior...”, do Jornal no *Dom Casmurro*. A polêmica acabou envolvendo também Jorge Amado e Graciliano Ramos.

Para que o título do texto ficasse bem compreendido, Silveira resolveu explicar o significado da palavra tostão na literatura brasileira, dizendo que Mário de Andrade separou os valores literários em duas classes:

[...] os valores reais e os falsos valores, definição, aliás, muito antiga. Estes valores reais o sr. Mário de Andrade chama de cinquenta contos de réis: os falsos valores são os tostões. Exemplo, o sr. Mário de Andrade, com óculos, cultura, espírito e tudo. Inclusive fichário e biblioteca, representa a gordíssima soma de cinquenta contos de réis, em cédulas providas do Banco do Brasil. Eu, com toda a validade, com todos os intestinos arruinados por uma alimentação deficiente, com toda a ignorância, ousadia e burrice: valho simplesmente um tostão, um microscópico tostão sem utilidade. Como se vê, a distinção é sábia. Há os crespis da literatura e há os tostões os João-Ninguém. Há os Matarazzos do ensaio, do romance, da crítica e da poesia, e há os trocos. [...] Mas os tostões pagam o pato. Os tostões nada podem fazer contra o sr. Mário de Andrade. Não tem nome, não tem bagagem literária, o que eles dizem não propaga, não faz eco, o que eles plantam não cria raízes. Os tostões ruminarão o seu ódio, simplesmente. Ódio frágil e sem alento, ódio que nem chega a estrelar (Silveira *apud* Lima, 2024, p. 439).

Dessa forma, João dos Tostões metaforiza os pobres e oprimidos, aqueles que “nada



podem fazer contra” seus opressores. Os Joãos dos Tostões são os João-Ninguém, aos quais Silveira se refere.

3 A religião como alento para o homem

Religião é um conjunto de crenças, de símbolos e de práticas sociais relacionados à noção do sagrado. De acordo com Marilena Chaui (2000, p. 380), “a palavra religião vem do latim: *religio*, formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular)”. Através da religião o homem tenta se reconectar, restabelecer a ligação entre o ser humano e o divino, isto é, a religião é um vínculo entre o sagrado e o profano. É por meio da religiosidade que o homem busca a presença de uma potência sobrenatural. Essa força sobrenatural mostra o seu poder por meio de algum símbolo. Em todas as culturas, existem manifestações possíveis de expressar o sobrenatural que faz parte de suas vidas. O contato, ou tentativa de contato com uma força superior é estabelecida por meio de cerimônias, orações, rituais e até sacrifícios. As pessoas agem dessa forma para se proteger, mas também por medo, pois essa força, considerada superior, serve de alento às situações mais diferentes que possam acontecer no dia a dia.

No texto em estudo, ao final de um dia exaustivo de trabalho, João dos Tostões busca na religião um alento para sua vida miserável. Antes de dormir ele abre a bíblia aleatoriamente e, por coincidência, aparece o Salmo 12 que é um clamor pela misericórdia divina, pois aqui na terra os homens não vivem em fraternidade. Vivem cheios de ódio e individualismo e João acha que: “tudo apenas depende de que os homens amem os homens como irmãos, mas miseravelmente se odeiam como inimigos figadais, cada um por si e o Destino contra todos” (Dicke, 2000, p. 157). O Salmo aponta que Deus é quem tem o poder de socorrer os oprimidos. O Salmo inicia clamando:

Salva-me, Senhor, porque não se encontra um homem de bem, porque as verdades já não são apreciadas entre os homens. Cada um somente diz mentiras ao seu próximo, fala com os lábios dolosos, com o coração dúplice. Destrua o Senhor todos os lábios dúlices e a língua que fala com arrogância (Dicke, 2000, p. 159).

O Salmo finaliza declarando que Deus é o socorro para a angústia humana: “Tu, Senhor, nos guardarás e nos preservarás para sempre desta geração” (Dicke, 2000, p. 159).

Após a oração, com o coração aliviado e em paz, João puxou o cobertor, deu um sorriso e dormiu “certo de haver finalmente encontrado a salvação” (Dicke, 2000, p. 160).



O autor retrata um homem solitário, mergulhado em um abismo existencial, desencantado com a vida, totalmente sem perspectivas e que busca na religião uma proteção, uma segurança indestrutível contra o vazio e a falta de expectativas.

3.1 Retrato fragmentário do homem contemporâneo

O Estado foi criado para promover e garantir o bem-estar do indivíduo e da sociedade como um todo, porém ele tornou-se o seu maior opressor. Rousseau, em *Do contrato social* (1973), explica que esse pacto exige que a liberdade natural do indivíduo, ao participar desse contrato social, seja substituída pela liberdade civil, tornando-o parte de um corpo político. Rousseau (1973) defende que o homem, no seu estado natural, viva em harmonia e se interesse pelos demais. Entretanto, o pacto que deveria pautar pela liberdade e pela justiça se transformou em injustiça e exploração do homem pelo homem. E essa distorção do pacto social, decorrente da alienação e da opressão, traz sérias consequências à estrutura do sistema social, gerando homens presos a uma realidade que os obriga a suprimir suas potencialidades e acabam mergulhados em um abismo existencial.

Os romances de Dicke procuram sempre representar esse homem fragmentado e, até certo ponto, esfacelado pela pressão social. Assim também é a narrativa “João dos Tostões”. Essa narrativa estabelece uma crítica à vida contemporânea, constituída pela rotina cumprida de maneira mecânica por um ser humano que representa todos os seres que vivem nessa mesma condição aqui ou em qualquer lugar do mundo, conforme atesta o trecho: “miseravelmente o funcionário dos funcionários, paradigma de todos os funcionários deste país e dos outros [países] (Dicke, 2000, p. 156, grifo nosso).

Notamos que João dos Tostões não tem forças para lutar contra as injustiças sociais. É um homem consumido pelo cansaço e pela fadiga. O que sabemos sobre o seu descontentamento, com tudo ao seu redor, nos chega através de um narrador onisciente que capta seus pensamentos e dessa forma ele mostra sua insatisfação. Não há lutas, não há enfrentamentos a fim de mudar a realidade. Já a esposa de João tem um posicionamento mais crítico em relação àquela situação. Sua participação é pequena na narrativa, porém exterioriza os problemas, como acontece no momento em que João está assistindo à televisão, sua voz aparece para adverti-lo: “você tem de acordar cedo amanhã, João” (Dicke, 2000, p. 159). Logo adiante, ela volta a se manifestar, desta vez é para lembrá-lo de que:



“amanhã terás de continuar enriquecendo os donos da nação” (Dicke, 2000, p. 159). Mas João é um sonhador – sonha dormindo e acordado – e novamente a esposa intervém para interrogá-lo: “Tu não estás cansado de tanta transmigração, João? de tanto sonho desfeito em oceano de pura gulodice de ilusão?” (Dicke, 2000, p. 159).

João demonstra um desencantamento com sua vida: a jornada é exaustiva, as relações sociais, familiares e, especialmente, as relações de trabalho não são boas, não são harmoniosas; local em que um ser humano não se interessa pelo outro, conforme pregava Rousseau (1973). Assim sendo, antes de dormir, João abre a bíblia e lê um clamor ao Senhor: “Salva-me, Senhor, porque não se encontra um homem de bem, porque as verdades já não são apreciadas entre os homens. Cada um somente diz mentiras ao seu próximo, fala com os lábios dolosos, com o coração dúplice” (Dicke, 2000, p. 157). O Salmo traz um acalento ao coração de João, aliviando seus medos e suas angústias.

De acordo com Erwin Rosenthal (1975, p. 102), em *O universo fragmentário*,

a solidão, o medo, o sofrimento, a angústia são temas que reaparecem constantemente no romance moderno, não apenas como expressão dos problemas existenciais contemporâneos, da perplexidade perante a insegurança e fragilidade de todos os valores, mas também como meio de intensificação do conteúdo.

Ao ficcionalizar os problemas que permeiam a realidade de milhares de pessoas; os problemas existenciais do homem contemporâneo, Dicke (2000) não se limita reproduzi-los como uma mera fotografia, seus relatos penetram no estado de consciência, deixando vir à tona o medo, o sofrimento e a angústia do ser humano. A esposa, apesar de não ser nomeada no texto, exerce a função de levantar a voz para denunciar a situação em que vivem, e principalmente a alienação e a falta de humanização que pairam sobre eles. “Trata-se de um processo, no qual indivíduo e realidade se interpenetram, e no qual o centro das cogitações é o ser humano; este já não é simplesmente retratado pelo romancista: o que importa é a focalização de seus problemas e pensamentos” (Rosenthal, 1975, p. 57).

Através deste modo de organizar a narrativa, focalizando os problemas, trazidos através dos pensamentos das personagens, Ricardo Guilherme Dicke consegue dar densidade a sua obra e atua criticamente contra a realidade exposta, dando ao romance uma amplitude perceptiva, a fim de ampliar as reflexões para uma melhor compreensão do mundo.



4 Considerações finais

João é um nome masculino que representa o homem simples, aquele que enfrenta as dificuldades da vida em busca da sobrevivência. Esse foi o nome escolhido para a personagem da narrativa que compõe o romance dickeano. Entretanto, ele não é apenas um João, ele é o João dos Tostões. Em sentido figurado, tostão significava coisa de pouco valor, de pouca importância, de pouca monta. Esse homem de pouco valor é retratado pelo autor como um homem solitário, mergulhado em um abismo existencial, desencantado com a vida, totalmente sem perspectivas. Um homem tão fragmentado quanto a estrutura da narrativa. Ao final de um dia exaustivo de trabalho, João dos Tostões abre a bíblia aleatoriamente e lê um Salmo, buscando na religião, um alento para sua vida miserável.

Ao ler a história de João dos Tostões, conseguimos identificar as relações dialógicas entre o referido texto e os contos “Circuito fechado”, de Ricardo Ramos. Ao adentrar ao texto, o leitor percebe que há uma quebra no ritmo da leitura que vem fazendo e se surpreende com a estrutura textual que foge do convencional, marcada pela economia de palavras e pela sequência dos acontecimentos, assemelhando-se a “Circuito fechado”. Na narrativa “João dos Tostões”, de Dicke (2000), e nos contos “Circuito fechado”, de Ramos (1978), as personagens demonstram um desencantamento com sua vida e agem como robôs, programados para repetir as mesmas funções dia após dia. Suas ações apresentam uma circularidade ao cumprir sua rotina de trabalho desgastante. Os textos carregam uma carga de negatividade, que em “João dos Tostões” é marcada pela repetição da palavra “miseravelmente”.

À vista disso, identificamos que entre os contos “Circuito fechado” e a narrativa “João dos Tostões” há inúmeros pontos de contato, os quais permitem que se reconheça maneiras de narrar semelhantes. Todavia, notamos que por meio desse entrelaçamento discursivo o mundo narrado se reconstrói e se ressignifica.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.



Vol. 33, nº 2 (2026)

DICKE, R. G. **O salário dos poetas**. Cuiabá: Lei Estadual de Incentivo à Cultura, 2000.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Maria, Maria**. 1978. Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/> Acesso em: 13 out. 2025.

RAMOS, R. **Circuito fechado**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ROSENTHAL, E. T. **O universo fragmentário**. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. Trad. Lourdes Santos Macedo. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973.

LIMA, C. B. A retórica do tostão contra o milhão: incursões políticas e literárias de Joel Silveira. **História e Cultura - Artigos livres e Notas de Pesquisa**, [S. l.], v. 13, n. 1, ago. 2024. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/article>. Acesso em: 12 out. 2015.